

# ADMIRÁVEL NOVO PAI

No passado, eles eram um padrão para ser imitado ou contestado. Hoje, no mundo em rede e na sociedade globalizada, a figura paterna garante aos filhos a legitimidade de suas escolhas de vida

POR\_JORGE FORBES • ILUSTRAÇÃO\_KLAUS BERNHOEFT



imitar ou criticar? Por muito tempo, a relação com um pai se restringia a essas duas possibilidades. O pai, até bem recentemente, era tido como uma das principais referências, em uma sociedade vertical, marcada por padrões estáveis orientadores. Sobressaía o pai na família, o chefe na empresa, o presidente no país. Essas figuras marcavam o caminho a ser seguido ou a ser contestado.

Se uma pessoa tivesse um pai muito forte, importante, conhecido, haveria quem pensasse o quão duro seria para o filho, que poderia se sentir pequeno demais, frente a uma barreira muito alta a ser suplantada. Por outro lado, se ocorresse o contrário, se o pai fosse do tipo anônimo genérico, o filho poderia sofrer por culpa, uma vez que bastaria dar um passo para ir além do

pai. O primeiro caso era dado como explicação a filhos inibidos; o segundo, a filhos exibidos.

E hoje? A pós-modernidade, ao deslocar os padrões verticais da sociedade, ao horizontalizar o laço social criando a conhecida sociedade em rede, exige uma nova figura de pai distinta dessa que nos habituamos a conhecer. O pai passa da posição de representar um ideal, um padrão, para a de garantidor da flexibilidade da referência. Um filho tem que encontrar em um pai alguém que lhe garanta a legitimidade da invenção de sua forma de viver. Se uma mãe autoriza a invenção, o pai a legitima. São os dois movimentos necessários para viver na época atual da globalização: invenção e responsabilidade. Inventar uma forma singular de ocupar o seu lugar na vi-

da, uma vez que nada está dado a priori, e ter a coragem de expor essa singularidade, inscrevê-la no mundo se responsabilizando por ela. É o movimento do artista: Chico escuta uma banda que é só dele e consegue nos convencer, fazendo-nos dançar em seu ritmo. Jorge Amado faz o mesmo com a Bahia. Impossível vê-la sem os óculos do escritor que transforma cada gingado de uma morena em Gabriela. Não nos exijamos o talento dos artistas, mas sim a coragem desse duplo movimento: inventar e se responsabilizar.

Uma mãe autoriza a invenção, desde nossos primeiros balbucios; um pai legitima a sua existência, ou seja, o pôr fora de si. É o que está na raiz da palavra existir, composta de “ex”, fora, com “sito”, local: ex-sistir quer dizer “colocar fora”. Um detalhe para ser aprofundado em outro artigo: mãe e pai são funções por vezes coincidentes com as pessoas biológicas, mas não necessariamente, para a sorte de todos nós, se não os órfãos estariam fortemente prejudicados.

A partir desse admirável novo pai, admirável pela novidade, mais que por sua grandeza, é pouco esclarecedor continuarmos a nos fiar nas análises maniqueístas de pai forte, pai fraco; filho identificado, filho rebelde.

Pai é quem tem um sentimento sagrado por um filho. Sagrado vem de sacrifício. Pai é quem tem um amor radical – sem explicação – e que pode morrer por um filho. É esse ponto de amor radical que é detectado pelo filho e sobre o qual ele se apoia na invenção singular de sua vida. Um filho sabe que ali ele conta, que dali ele pode contar sua vida, dar-se à existência. Não nos surpreendamos que pais e filhos possam trabalhar melhor juntos agora que no passado. Fora do eixo imaginário da dominação, pais e filhos convivem bem como nunca nesse amor radical que possibilita expressões distintas, diversas e divertidas, com a marca de uma mesma família. Não faltam exemplos: Coppolas, Verissimos, Holandas, Douglas, Cravos e, seguramente, muitos mais. ☼



FORA DO EIXO IMAGINÁRIO  
DA DOMINAÇÃO, PAIS E  
FILHOS CONVIVEM BEM COMO  
NUNCA NUM AMOR RADICAL

